

ARTIGOS

AS FONTES DE DUARTE PACHECO PEREIRA NO "ESMERALDO DE SITU ORBIS".

(VI).

(Continuação).

Finalmente, o *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira que pode ser tomado como **um livro de história** que muitos traços ligam às crônicas medievais, que pode ser tomado como **um livro de cosmografia** e **um regimento de navegação**, que foi e continua às vezes ainda a ser indevidamente tomado como **um atlas** e o seu autor como um cartógrafo, e que é fundamentalmente **um roteiro** ao mesmo tempo que **um livro de geografia e de cosmografia**, tem sido também tomado como **um livro de projeção filosófica**. Um livro que, não contendo de modo algum uma filosofia sistemática, coisa que certamente, seguramente, não passou sequer pela cabeça do seu autor, apresenta no entanto alguns traços que nos podem levar a pensar, no quadro de uma história profunda, subterrânea, inconsciente, do pensamento, numa como que pré-história do pensamento moderno. Falamos aqui, fundamentalmente, dos bem conhecidos passos sobre a **experiência**, se bem que também não nos esqueçamos das não menos bem conhecidas frases sobre a **Natureza**, ainda que outros aspectos da obra de Duarte Pacheco não sejam menos importantes no quadro desta como que pré-história do pensamento moderno (175).

Vejamos na célebre obra de Duarte Pacheco Pereira, os passos referentes aos conceitos de **experiência** e de **Natureza**.

Logo no Capítulo 2.º do Livro I do *Esmeraldo*, em que Duarte Pacheco nos fala **Da quantidade e grandeza da terra e d'água, qual destas é a maior parte**, lemos:

(175). — Ver, como exemplo, o nosso estudo: *Sur l'introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal*, in *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, Tome XX, 1958. Ver, outros exemplos, na nossa obra, em preparação: *L'Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l'époque des grandes découvertes (Contribution à l'étude des origines de la pensée moderne).

“Escrever o sito do orbe com a grandeza de toda a terra e do mar, as ilhas, as cidades, as fortalezas, animais, com tódalas outras cousas que nele são, tanto é longa como defícil matéria, e de elegância não capaz, e a ordem dela assaz entrincada; a qual, pola quantidade de tamanho corpo, impossível é ser particularmente sabida, mas pola admiração de tão excilente cousa muito digna de ser escrita e praticada; e portanto devemos primeiro considerar como os filósefos que nesta matéria falaram, disseram que a terra toda é cercada pelo mar, consentindo seus entenderes que a soma de nosso orbe, o assento de nossa vida, a glória de nossos Impérios pera cercoito das águas em ilha seja feita; e nisto muito afirmadamente tiveram assaz fundadas oupinhões e alguns dos doutores modernos desvairadas e contrárias tenções; os quais quizeram mostrar, por autoridades da Sagrada Escritura e suficientes razões contrárias aos Antigos, como a terra é muito maior que tódalas águas, e elas todas juntamente jazem metidas dentro na sua concavidade e fundura, e elas são cercadas pela mesma terra; pelo qual devemos notar o que diz Jacobo, bispo de Valença, excilente letrado e mestre na sacra Teologia, sobre este passo em ùa sua glosa que fez sobre todo o **Saltério**, e falando no salmo cento e três que começa: “benedic, anima mea, domino”, o qual tem um verso que diz: “qui fundasti terram super stabilitatem suam”, que as águas todas jazem metidas dentro na concavidade da terra, e a terra é muito maior que todas elas; e Plínio, no seu segundo livro da **Natural História**, capítulo sassenta e sete, diz que tódalas águas são postas no centro da terra, e isto é concrusão que se não deve negar; e porque se mais craramente mostre a verdade, notemos o primeiro capítulo do **Genesis** que diz assim: “ajuntem-se as águas em um lugar da terra”; enquanto disse e mandou que este ajuntamento fosse feito em um só lugar, bem parece que a terra não é cercada pelo mar; e se a terra pelas águas houvera de ser cercada, não dissera o preceito que se juntassem em um só lugar, nem era necessário dizer-se; mas antes dissera “apartem-se as águas da terra”, e sendo mandado nesta maneira, não era para duvidar a terra ser cercada pelas águas, e sòmente tirava ùa pequena parte dela descoberta para a vida dos animais; mas como lhe foi posto termo particular, dado que se juntassem em um só lugar, logo se manifestou que as águas ficaram dentro na concavidade da terra, porque sua natureza é sempre correr pera a parte mais baixa, e elas, seguindo naturalmente seu apetito, fizeram o mandado do Sumo Criador; e portanto podemos dizer que isto se fez naturalmente; e como quer

que a mais baixa parte da terra é o seu centro e o meio dela, sobre o qual as águas estão fundadas, portanto disse o profeta David, no salmo trinta e dous, que começa “exultate, justi”: “ajuntou assi como em odre as águas do mar; pôs os tesouros em o aviso”; e como assim seja que o aviso da terra é o seu centro; e os tesouros das águas são postos no mesmo lugar, que é o seu próprio assento, segue-se que a terra tem água dentro em si, e o mar não cerca a terra, como Homero e outros autores disseram, mas antes a terra por sua grandeza tem cercadas e inclusas tôdalas águas dentro na sua concavidade e centro. **E além do que dito é, a experiênciã, que é madre das cousas, nos desengana e de toda dúvida nos tira;** e portanto, bemaventurado Príncipe, temos sabido e visto como no terceiro ano de vosso reinado do ano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte occidental, passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegada ãa tão grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela, que se estende a satenta graos de ladeza da linha equinocial contra o polo ártico e, posto que seja assaz fria, é grandemente pavorada, e do mesmo circulo equinocial torna outra vez e vai além em vinte e oito graos e meio de ladeza contra o polo antrático, e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de ãa parte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo dela; pelo qual, segundo a ordem que leva, é certo que vai em cercoito por toda a redondeza; assim que temos sabido que das praias e costa do mar destes reinos de Portugal e do promontório de Finisterra e de qualquer outro lugar da Europa e d’África e d’Asia, atravessando além todo o oceano diretamente a occidente, ou a loeste, segundo ordem de marinharia, por trinta e seis graos de longura, que serão seiscentas e quarenta e oito léguas de caminho (contando a dezoito léguas por grao) e a lugares algum tanto mais longe, é achada esta terra navegada pelos navios de Vossa Alteza e, por vosso mandado e licença, pelos dos vossos vassallos e naturais; e indo por esta costa sobredita, do mesmo circulo equinocial em diante, per vinte e oito graos de ladeza contra o polo antártico, é achado nela munto e fino brasil com outras muitas cousas de que os navios nestes reinos vêm grandemente carregados; e primeiro muitos anos que esta costa fosse sabida nem descoberta, disse Vicente Istorial no seu primeiro livro que se chama **Espelho das Histórias**, no capítulo cento e satenta e sete: “Além das três partes do orbe a quarta parte é além do mar oceano interior em o meio dia, em cujos termos os antípodes dizem que

habitam”; ora como assim seja que esta terra d’além é tão grande e desta parte d’aquém temos Europa, África e Ásia, manifesto é que o mar oceano é metido no meio destas duas terras e fica medio terrano; pelo qual podemos dizer que o mar oceano não cerca a terra como os filósofos disseram, mas antes a terra deve cercar o mar, pois jaz dentro na sua concavidade e centro; pelo qual concludo que o mar oceano não é outra cousa senão ãa muito grande alagoa metida dentro na concavidade da terra, e a mesma terra e o mar, ambos juntamente, fazem ãa redondeza, de cujo meio saiem muitos braços que entram pela terra, que medios terranos são chamados, e que isto creiamos por verdade. Ainda nos fica por dizer em quanta parte a terra é maior que a água; como sòmente a água ocupa a sétima parte dela, segundo se mostra no **quarto livro do profeta Esdras**, no capítulo sexto, que diz assim: “e no terceiro dia mandastes as águas ajuntar na sétima parte da terra, verdadeiramente as seis partes secastes”; assi que a água é posta na sétima parte da terra e as seis partes dela são descobertas pera a vida da natureza humana e dos outros animais, e assi é rezão que o creiamos” (176).

No Capítulo 27.^o do Livro I, intitulado **Donde vem o rio de Sanagá e das cousas que nele há, e das duas Etiópias**, Pacheco escreve:

“Pois falamos neste rio de Sanagá, razão é que algũa cousa digamos do que vai dentro no sertão. Primeira-mente é de notar como aqui é o principio dos Etiópios e homens negros; e porque são duas Etiópias, bem é que se saiba como esta primeira se chama Inferior ou Etiópia Baixa oucidental, na qual é certo e sabido que nunca nela em algum tempo morressem de pestelência; e não tão sòmente têm este privilégio que lhe a magestade da grande natureza deu, mas ainda **temos por expiriência que os navios em que pera aquelas partes navegamos, tanto que naquela crima são, nenhuns homens dos que neles vão, desta infirmitade morrem**, posto que desta cidade de Lixboa, sendo toda deste mal, partam e neste caminho alguns aconteçam d’adoecer e outros morrer; como na Etiópia são, nenhum dano recebem; e esta primeira Etiópia corre e se estende per costa do dito rio de Sanagá até o cabo de Boa Esperança que está além do círculo da equinocial contra o polo antártico trinta e quatro graos e meio de ladeza;... (177).

(176). — Sublinhados nossos.

(177). — *Ibidem*.

No Capítulo 10.º do Livro II, Duarte Pacheco escreve àcerca da serra de Fernão do Pó:

“Toda a costa do mar, que vai desta serra de Fernão do Pó até o cabo de Lopo Gonçalves, que são oitenta léguas, é muito povorada e de muito arvoredo e muito basto, e o fundo muito alto, que a meia légua de terra acharão trinta e quarenta braças; e neste mar há muitas e grandes baleias e outros muitos peixes; e esta terra é muito vezinha do círculo da equinocial, da qual os antigos disseram que era inabitável e nós por experiência achamos o contrário” (178).

No Capítulo 11.º do Livro II, Pacheco escreve sôbre as rotas e conhecenças da terra do rio do Gabão até o cabo de Caterina, que por outro nome se chama o cabo Primeiro:

“A experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar, os quais disseram que toda a terra que jaz debaixo do círculo da equinocial era inabitável pola grande quentura do sol, e isto achamos falso e pelo contrário, porque adiante do rio de Gabão, de que no próximo item, que atrás fica, falámos, é achado um promontório baixo e delgado a que em nossa língua o cabo de Lopo Gonçalves chamamos, o qual tomou o nome do capitão que o descobriu, e jaz com o dito rio do Gabão nordeste e sudoeste, e toma a quarta do norte e sul, e tem vinte e sete léguas na rota; e este cabo de Lopo Gonçalves pontualmente jaz debaixo do círculo da equinocial, e nesta terra há muita habitação de gente, os quais são negros, que em nenhũa parte do mundo pode mais haver; e a experiência nos tem ensinado, porque por muitos anos e tempos que esta região das Etiópias de Guiné temos navegadas e praticadas, em muitos lugares tomamos as alturas do sol e sua declinação, para se saber os graos que cada lugar se aparta em ladeza da mesma equinocial para cada um dos polos, e achamos que este círculo vai por cima deste promontório, e temos sabido que neste lugar em tôdolos dias do ano é igual o dia da noite, e se algũa deferença tem, é tão pouca que quase se não sente; muitos antigos disseram que, se algũa terra estivesse ouriente e ocidente com outra terra, que ambas teriam o grao do sol igualmente e tudo seria de ãa calidade; e quanto a igualeza do sol é verdade; mas, como quer que a magestade da grande natureza usa de grande variedade em sua ordem no criar e gerar das

cousas, achamos por experiência que os homens deste promontório de Lopo Gonçalves e toda a outra terra de Guiné são assaz negros, e as outras gentes que jazem além do mar oceano ao ocidente, que têm o grao do sol por igual com os negros da dita Guiné, são pardos quase brancos, e estas são as gentes que habitam na terra do Brasil, de que já no segundo capítulo do primeiro livro fizemos menção; e que algum queira dizer que estes são guardados da quentura do sol por nesta região haver muitos arvoredos que lhe fazem sombra e que por isso são quase alvos, digo que se muitas árvores nesta terra há, que tantas, e mais, tão espessas há nesta parte ouriental daquém do oceano de Guiné; e se disserem que estes daquém são negros porque andam nus e os outros são brancos porque andam vestidos, tanto privilégio deu a natureza a uns como a outros, porque todos andam segundo nasceram; assi que podemos dizer que o sol não faz mais emprensão a uns que a outros; e agora é para saber se todos são da geração d'Adão" (179).

No Capítulo 1.^o do Livro IV, Duarte Pacheco escreve sôbre o que disseram alguns escritores antigos, como a linha equinocial e a terra que jaz debaixo dela era inabitável:

“Nunca os nossos antigos antecessores, nem outros muito mais antigos doutras estranhas gerações, puderam crer que podia vir tempo que o nosso oucidente fora do ouriente conhecido e da India pelo modo que agora é; porque os escritores que daquelas partes falaram, escreveram delas tantas fábulas, por onde a todos pareceo impossiblle que os Indianos mares e terras do nosso oucidente se pudesem navegar. — Tolomeu escreve, na pintura de suas antigas tábuas da cosmografia, o mar Indico ser assim como ãa alagoa, apartado por muito espaço do nosso mar oceano oucidental que pela Etiópia meridional passa; e que antre estes dous mares ia ãa ourela de terra, por impedimento da qual, pera dentro, pera aquele golfão Indico, per nenhum modo, nenhũa nao podia passar; outros disseram que este caminho era de tamanha cantidadé que por sua longura se não podia navegar, e que nele havia muitas sereias e outros grandes peixes e animais nocivos, pelo qual esta navegação se não podia fazer. — Pompónio Mela, no principio do seu segundo livro e assi no meio do terceiro **De Situ Orbis**, e Mestre João de Sacrobosco, Ingrês, excelente autor, na arte da astronomia, no fim do terceiro capítulo de seu **Tratado da Espera**, cada um destes em seu lugar, ambos

disseram que as partes da equinocial eram inabitáveis pela muito grande quentura do sol; donde parece que, segundo sua tenção, aquella tórrida zona por esta causa se não podia navegar, pois que a fortaleza do sol impedia não haver ihabitação de gente; o que tudo isto é falso; certamente temos muita razão de nos espantar de tão excellentes homens, como estes foram, e assi Plínio e outros autores que isto mesmo afirmaram, cairem em tamanho erro como neste caso disseram, porque eles todos confessam a India ser verdadeiramente oriental e povorada de gente sem número; e como assim seja que o verdadeiro oriente é o círculo da equinocial, que por Guiné e pela India passa e com a maior parte dela tem vizinhança, craramente se mostra ser falso o que escreveram; pois debaixo da mesma equinocial há tanta habitação de gente, quanta temos sabida é praticada; e **como quer que a experiência é madre das cousas, por ela soubemos radicalmente a verdade**, porque o nosso César Manuel, inventivo e excelente barão, mandou Vasco da Gama, comendador da ordem de Santiago e cortesão de sua Côrte, por capitão de suas naos e gente, a descobrir e saber aqueles mares e terras com que nos os Antigos punham tão grande medo e espanto; e indo com muito trabalho achou o contrário do que a maior parte do que os antigos escritores disseram;...” (180).

Finalmente, lemos no Capítulo 6.º do Livro IV, capítulo em que Duarte Pacheco, logo nas primeiras linhas, abandona a redação da sua obra, deixando-a inacabada, e capítulo em que êle se preparava para nos falar **do que descobriu el-Rei, nosso Senhor, do rio do Infante em diante**:

“Novo trabalho se nos oferece, havermos de escrever o que novamente mandou descobrir o sereníssimo Príncipe, el-Rei Dom Manuel, nosso Senhor, do rio do Infante em diante, toda a Etiópia sob-Egipto e a Felice Arábia com a Pérsia, e a multidão das cousas dos opulentíssimos reinos da India, com as vitórias neles havidas; e assi seguiremos nosso prepósito nesta tão trabalhosa jornada, da qual **a experiência nos ensinou a verdade de tudo o que adiante dissermos**. — Item. Jaz o rio do Infante ...” (181).

Vejam os passos referentes ao conceito de **Natureza**.

(180). — *Ibidem*.

(181). — *Ibidem*.

No Capítulo 25.º do Livro I da obra de Pacheco, onde êle nos fala **Do deserto d'Arguim e dos lugares que estão além dele**, lemos:

**“E é cousa maravilhosa como a grande natureza pro-
veio a tôdalas cousas necessárias, porque, sendo este de-
serto d'areia, a qual corre muito com a força dos ventos,
nele estão ãas ilhas de penedos com algũa terra a três e
quatro léguas ãas das outras, e delas mais longe, as quais
por assi altas, que as areias as não podem cobrir, e estas
são os sinais que os Alarves per ali têm, para seu cami-
nho, e em que se acolhem aquela gente salvagem”** (182).

No Capítulo 27.º do Livro I, intitulado **Donde vem o rio de Sanagá e das cousas que nele há, e das duas Etiópias**, em passo já atrás citado a propósito do conceito de **experiência**, lemos:

**“Pois falamos neste rio de Sanagá, razão é que algũa
cousa digamos do que vai dentro no sertão. Primeira-
mente é de notar como aqui é o principio dos Etiópios e
hômens negros; e porque são duas Etiópias, bem é que
se saiba como esta primeira se chama Inferior ou Etiópia
Baixa oucidental, na qual é certo e sabido que nunca ne-
la em algum tempo morressem de pestelência; e não tão
sòmente têm este privilégio que lhe a magestade da gran-
de natureza deu, mas ainda temos por experiência que os
navios em que pera aquelas partes navegamos, tanto que
naquela crima são, nenhuns homens dos que neles vão,
desta infirmitade morrem, posto que desta cidade de
Lixboa, sendo toda deste mal, partam e neste caminho
alguns aconteçam d'adoecer e outros morrer; como na
Etiópia são, nenhum dano recebem;...”** (183).

No Capítulo 29.º do Livro I, **Das rotas e conhecenças da terra que vai do rio dos Barbacins para o rio de Gâmbea**, vemos:

**“E tornando ao rio de Gâmbea, nele há muito gran-
des cavalos marinhos, maiores que bois, de tôdalas colo-
res que os cavalos terestres costumam ter; e a feição de
seus corpos é como de bois, e as unhas dos pés e das mãos
fendidas como bois, e o pescoço, rostro, comas e orelhas
e ancas como cavalo, e tem dous corninhos ou dentes de
dous palmos cada um, de grossura de um braço de ho-
mem pelo colo; e estes sempre andam no rio principal-
mente nos lugares baixos onde lhe a água dá pela bar-
riga, e também no alto quando querem; e assim saiem
em terra a pacer erva e dormir ao sol; e assi d'água**

(182). — *Ibidem*.

(183). — *Ibidem*.

como da terra os proveio a magestade da grande natureza; ...” (184).

Finalmente, ainda em passo já atrás citado a propósito do conceito de **experiência**, no Capítulo 11.º do Livro II, sôbre as rotas e conhecenças da terra do rio do Gabão até o cabo de Caterina, que por outro nome se chama o cabo Primeiro, Duarte Pacheco escreve:

“A experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar, os quais disseram que toda a terra que jaz debaixo do círculo da equinocial era inabitável pola grande quentura do sol, e isto achamos falso e pelo contrário, porque adiante do rio de Gabão, de que no próximo item, que atrás fica, falámos, é achado um promontório baixo e delgado a que em nossa língua o cabo de Lopo Gonçalves chamamos, o qual tomou o nome do capitão que o descobrio, e jaz com o dito rio do Gabão nordeste e sudoeste, e toma a quarta do norte e sul, e tem vinte e sete léguas na rota; e este cabo de Lopo Gonçalves pontualmente jaz debaixo do círculo da equinocial, e nesta terra há muita habitação de gente, os quais são negros, que em nenhũa parte do mundo pode mais haver; e a experiência nos tem ensinado, porque por muitos anos e tempos que esta região das Etiópias de Guiné temos navegadas e praticadas, em muitos lugares tomamos as alturas do sol e sua declinação, para se saber os graos que cada lugar se aparta em ladeza da mesma equinocial para cada um dos polos, e achamos que este círculo vai por cima deste promontório, e temos sabido que neste lugar em tôdolos dias do ano é igual o dia da noite, e se algũa deferença tem, é tão pouca que quase se não sente; muitos antigos disseram que, se algũa terra estevesse ouriente ou oucidente com outra terra, que ambas teriam o grao do sol igualmente e tudo seria de ãa calidade; e quanto a igualeza do sol é verdade; mas, como quer que a magestade da grande natureza usa de grande variedade em sua ordem no criar e gerar das cousas, achamos por experiência que os homens deste promontório de Lopo Gonçalves e toda a outra terra de Guiné são assaz negros, e as outras gentes que jazem além do mar oceano ao ocidente, que têm o grao do sol por igual com os negros da dita Guiné, são pardos quase brancos, e estas são as gentes que habitam na terra do Brasil, de que já no segundo capítulo do primeiro livro fizemos menção; e que algum queira dizer

que estes são guardados da quentura do sol por nesta região haver muitos arvoredos que lhe fazem sombra e que por isso são quase alvos, digo que se muitas árvores nesta terra há, que tantas, e mais, tão espessas há nesta parte oriental daquém do oceano de Guiné; e se disserem que estes daquém são negros porque andam nus e os outros são brancos porque andam vestidos, **tanto privilégio deu a natureza a uns como a outros, porque todos andam segundo nasceram**; assi que podemos dizer que o sol não faz mais emprensão a uns que a outros; e agora é para saber se todos são da geração d'Adão" (185).

Depois de citarmos os passos da obra de Duarte Pacheco, de maneira a darmos no seu contexto mais amplo os conceitos de **experiência** e de **Natureza**, devemos, parece-nos, dar ao leitor êstes conceitos ligados apenas ao seu enquadramento mais próximo, de molde a simplificar o ponto de partida da exposição que se segue.

Assim, para o conceito de **experiência**, lemos na obra de Pacheco

No Livro 1.º, Capítulo 2.º: "... a **experiência**, que é **madre das cousas**, nos desengana e de toda dúvida nos tira; ...".

No Livro 1.º, Capítulo 27.º: "... temos por **experiência** que os navios em que pera aquelas partes navegamos, tanto que naquela crima são, nenhuns homens dos que neles vão, desta infirmitade morrem, ...".

No Livro 2.º, Capítulo 10.º: "... e esta terra é muito vizinha do circulo da equinocial, da qual os antigos disseram que era inabitável e nós por **experiência** achamos o contrário".

No Livro 2.º, Capítulo 11.º: "A **experiência** nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar, ...".

Também neste Livro 2.º, Capítulo 11.º: "... e a **experiência** nos tem ensinado, porque por muitos anos e tempos que esta região das Etiópias de Guiné temos navegadas e praticadas, ...".

Ainda neste Livro 2.º, Capítulo 11.º: "... achamos por **experiência** que os homens deste promontório de Lopo Gonçalves e toda a outra terra de Guiné são assaz negros, ...".

No Livro 4.º, Capítulo 1.º: "... e como quer que a **experiência é madre das cousas**, por ela soubemos radicalmente a verdade,..."

Finalmente, no Livro 4.º, Capítulo 6.º: "... a **experiência** nos ensinou a verdade de tudo o que adiante dissermos".

Para o conceito de **Natureza**, lemos:

No Livro 1.º, Capítulo 25.º: "E é cousa maravilhosa como a **grande natureza** proveio a tôdalas cousas necessárias,..."

Também neste Livro 1.º, Capítulo 27.º: "... e não tão somente têm este privilégio que lhe a **magestade da grande natureza** deu,..."

Ainda neste Livro 1.º, Capítulo 29.º: "... assi d'águia como da terra os proveio a **magestade da grande natureza**; ..."

No Livro 2.º, Capítulo 11.º: "... mas, como quer que a **magestade da grande natureza** usa de grande variedade em sua ordem no criar e gerar das cousas,..."

Também neste Livro 2.º, Capítulo 11.º: "... tanto privilégio deu a **natureza** a uns como a outros, porque todos andam segundo nasceram;..."

Lucien Febvre (186) escreveu, um dia, para tempos que não estão muito longe daqueles em que viveu e escreveu Duarte Pacheco Pereira:

"Nous parlions d'expérience. Comment n'avons-nous pas non plus d'histoire de ce mot? Expérience, pour nous, une technique, surtout familière aux hommes de laboratoire. Une intervention longuement préméditée et calculée d'avance dans le domaine des faits bruts. Le résultat d'un choix — et d'un choix opéré pour permettre soit la vérification d'une hypothèse déjà formulée, soit la formation d'une nouvelle hypothèse. — Pour eux? le fait d'éprouver, le fait d'observer, le fait d'enregistrer, tel quel, un phénomène, un événement qui se produit de lui-même, en dehors de toute intervention, de toute volonté particulière de le produire ou non".

Também Alexandre Koyré (187) escreveu, um dia, para tempos um pouco posteriores àquêles em que viveu e escreveu Duarte Pacheco Pereira:

(186). — Le problème de l'incroyance au XVe. siècle (La Religion de Rabelais), Paris, 1947, p. 477.

(187). — L'apport scientifique de la Renaissance, in Revue de Synthèse, Janvier — Juin, 1950.

“Galilée sait que l’expérience — ou si vous me permettez d’employer le mot latin d’**experimentum** pour l’opposer justement à l’expérience commune, à l’expérience qui n’est qu’observation — que l’**experimentum** se prépare, que l’**experimentum** est une question posée à la nature, une question posée dans un langage très spécial, dans le langage géométrique et mathématique; il sait qu’il ne suffit pas d’observer ce qui est, ce qui se présente normalement et naturellement aux yeux, qu’il faut savoir **formuler** la question et qu’il faut en plus savoir déchiffrer et comprendre la réponse, c’est-à-dire appliquer à l’**experimentum** les lois strictes de la mesure et de l’interprétation mathématique”.

Não temos em vista, nestas páginas, dar satisfação à sugestão de Lucien Febvre. Não temos em vista, nestas páginas, fazer a história da palavra e do conceito de **experiência** (188), nem a história da palavra e do conceito de **Natureza** (189). Temos apenas, por agora, como objetivo o estudo das fontes da célebre obra de Duarte Pacheco Pereira. E tanto alguns dos passos em que a palavra **experiência** surge no **Esmeraldo**, como alguns dos passos em que surge a palavra **Natureza**, nos dão motivo para pensarmos numa fonte. Para o caso da **experiência** lembramos a autêntica fórmula representada pelas palavras: **a experiência, que é madre das cousas, nos desengana e de toda dúvida nos tira, ou, a experiência é madre das cousas, (e) por ela soubemos radicalmente a verdade.** Para o caso da **Natureza**, lembramos a **grande natureza**, ou, a **magestade da grande natureza**.

Qual a fonte de Duarte Pacheco para a **experiência, madre das cousas**? Qual a fonte de Duarte Pacheco para a **magestade da grande natureza**?

Em texto de Afonso V de Aragão, datado de 27 de novembro de 1438, lemos:

“Nos don Alfonso, por la gracia de Dios, Rey de Aragon ... **Spèriencia, madre de todas cosas, e maestra continuamente**, previniendo, estimulando nuestras cogitaciones, e entre nuevas de la grant tirannia, abusos e con-

(188). — Temos em preparação um estudo sobre a história do conceito de **experiência**, em Portugal, entre os séculos XII e XVII. Ver a nossa obra, em preparação: *L’“Esmeraldo de situ orbis” de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l’époque des grandes découvertes (Contribution à l’étude des origines de la pensée moderne)*.

(189). — Ver a nossa obra, em preparação, citada na nota anterior.

fusiones que se pratica cerqua el regimiento de la aljama de los jodios de la ciudad de Çaragoça... (190).

Exatamente no ano de 1508, data em que Duarte Pacheco redigia os passos do **Esmeraldo** em que nos aparece a **experiência, madre das cousas** (191), Leonardo de Vinci escrevia naquilo a que hoje chamamos **Os cadernos**:

“Molti mi crederanno ragionevolmente potere riprendere, allegando le mie prove esser contro all'autorità d'alquanti omini di gran reverenza, presso de'loro inesperti judizi: non considerando le mie cose essere nate sotto la semplice e mera **sperienza, la quale è maestra vera**” (192).

E ainda:

“... la sapientia è figliuola della sperientia” (193).

Jacques Cartier, em 1545, na obra intitulada **Brief récit, et succinte narration de la navigation faicte es Ysles du Canada, Hochelage et Saguenay et autres, avec particulieres moeurs, langaige, et cerimonies des habitans d'icelles: fort delectable a veoir**, escreve no Prólogo:

“Ne s'appuie pas sur le témoignage des cosmographes anciens. — Je ditz que le prince d'iceulx philosophes a laissé parmy nos escriptures unz mot de grand conséquence qui dict **experientia est rerum magistra**. Les simples mariniers de présent ont congueu le contraire d'icelle opinion des philosophes par vraie expérience” (194).

-
- (190). — Cédula de Alfonso V acerca del nombramiento de oficiales en la juderia de Zaragoza, in D. Manuel Serrano y Sanz: *Origenes de la Dominación Española en America*, Tomo Primeiro, Madrid, 1918, Nueva Biblioteca de Autores Españoles, T. 25, p. CCCCLXXV. (Sublinhados nossos).
- (191). — Ver o capítulo sobre as datas limites em que foi redigido o texto do **Esmeraldo**, na nossa obra, em preparação: *L'“Esmeraldo de situ orbis” de Duarte Pacheco Pereira et la littérature portugaise de voyages à l'époque des grandes découvertes* (Contribution à l'étude des origines de la pensée moderne).
- (192). — G. Piumati: *Il Codice Atlantico di Leonardo da Vinci nella Biblioteca Ambrosiana di Milano riprodotto e publicatto dalla Regia Accademia di Lincei...*, 6 Vol., Milano, 1894-1904, *Codex Atlanticus*, 119. — Ver Aldo Mieli: *Lionardo da Vinci, Panorama General de Historia de la Ciencia*, IV, Madrid-Buenos Aires, 1950, pp. 70-77; *Léonard de Vinci et l'expérience scientifique au XVIIe siècle*, Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, MCMLIII; Joel Serrão e Rui Grácio: *Breve Antologia Filosófica*, vol. II, Lisboa, 1954.
- (193). — *I manoscritti e i disegni di Leonardo da Vinci publicati dalla Reale Commissione Vinciana...*, serie minore, 5 vol., Roma, 1930-1936 (*Codex Forster* — South Kensington Museum, London). — Ver as obras citadas na nota anterior.
- (194). — Reimpressão: Paris, Tross, 1863. Reprodução fotomecânica: Paris, 1937.

Finalmente, na Comédia, **Os Estrangeiros**, Sá de Miranda, escreve:

“Certo, os homens não deviam de falar nas cousas do mundo senão depois de muita infinda **experiência**, **que, segundo o Filósofo, est mater rerum**” (195).

Experiência, madre das cousas, em Duarte Pacheco Pereira; **Speriencia, madre de todas cosas**, em Afonso V de Aragão; **Experiência, est mater rerum**, em Sá de Miranda. **Sperienza, la quale è maestra vera**, em Leonardo da Vinci; e **Experientia est rerum magistra**, em Jacques Cartier. **A experiência, mãe das coisas**, para uns, e **mestra das coisas**, para outros.

De todos êles, o texto que nos fêz pensar, por um momento, numa solução fácil do problema, foi o de Sá de Miranda, quando êste escrece que **a experiência, segundo o Filósofo, est mater rerum**. O Filósofo? Aristóteles, São Tomaz, ...? Foram baldados todos os nossos esforços até este momento (196). Poderemos talvez dizer, para terminar, que se trata certamente de frases-feitas, bem correntes naquelas épocas.

Quanto à fonte da frase sôbre a **magestade da grande natureza**, não fomos melhor sucedidos. Até talvez mesmo menos bem sucedidos.

Se tomarmos em conta os textos portugueses destas épocas, seremos levados a afirmar que é em Pero Vaz de Caminha, na sua célebre “Carta” ao rei D. Manuel que, pela primeira vez a idéia de **Natureza** surge com um

“niveau d’importance, de dignité et de beauté jamais jusqu’alors atteint” (197).

Mas o que em Caminha não é mais do que um “sentimento”, torna-se quase que consciência filosófica em Duarte Pacheco.

(195). — Francisco Sá de Miranda: *Obras Completas*. Texto estabelecido. Notas e Prefácio por M. Rodrigues Lapa, 2 volumes, Lisboa, 1937. Ver vol. 2.º, p. 148. — Rodrigues Lapa acrescenta uma nota explicativa: “A experiência é a mãe das coisas, sentença da filosofia antiga”.

(196). — A nossa busca teve resultados negativos, tanto na obra de Aristóteles, como na obra de São Tomaz. Ver para Aristóteles, a excelente tese de Louis Bourgey: *Observation et Expérience chez Aristote*, Paris, 1955.

(197). — Margarida Barradas de Carvalho: *L’Idéologie Religieuse dans la “Carta” de Pero Vaz de Caminha*, in *Bulletin des Etudes Portugaises et de l’Institut Français au Portugal*, Tome XXII, 1960.

No **Esmeraldo**, a **Natureza** aparece-nos como uma realidade soberana, regida por leis em que se manifesta a vontade de Deus. Os dois planos, o natural e o divino, ali aparecem nitidamente distintos, o primeiro subordinado ao segundo. A posição de Duarte Pacheco é a de um verdadeiro cristão, bem ortodoxo. Ora esta posição não permite que consideremos Pacheco como um panteísta, precursos do espiritualismo científico de Spinoza, como o quer Antônio Sérgio (198).

Se considerarmos, por outro lado, a sua mentalidade racionalista e não mágica, ainda menos poderemos considerar Duarte Pacheco Pereira como um representante do **Naturalismo Animista** do Renascimento, tal como êste foi definido por Lucien Febvre (199), Robert Lenoble (200), e Alexandre Koyré (201). Não encontramos, deste Naturalismo, nenhum indício nas páginas do **Esmeraldo**, não considerando nós significativo o conhecido passo sobre as cobras com um quarto de légua de comprimento (202), passo que destoa completamente num contexto extraordinariamente sério e realista (203).

Fazemos notar, finalmente, que uma concepção da **Natureza** muito próxima da de Duarte Pacheco, apenas com a diferença que um é pagão e o outro é cristão, encontramos nós na **História Natural** de Plínio:

(198). — **História de Portugal**, Col. Labor, Barcelona-Buenos Aires, 1929, pp. 111-112.

(199). — **Le problème de l'incroyance au XVe siècle (La Religion de Rebelais)**, Paris, 1947, pp. 361-501.

(200). — **Mersenne ou la naissance du mécanisme**, Paris, 1943 (especialmente pp. 1-14 e 83-167); **Origines de la pensée scientifique moderne**, in **Histoire de la Science**, publiée sous la direction de Maurice Daumas, Encyclopédie Pléiade, Paris, 1957.

(201). — **L'apport scientifique de la Renaissance**, in **Revue de Synthèse**, Janvier-Juin, 1950, pp. 30-40; **Études Galiléennes — I — A l'aube de la Science Classique**, Paris, 1939.

(202). — **Esmeraldo...**, Livro I, Capítulo 27: "...e além destas há outras cobras tão grandes que têm um quarto de légua de longo, e a grossura e olhos, boca e dentes respondem à sua grandeza; e destas há i muito poucas, as quais têm tal natureza que, como são tamanhas como digo, logo se saem das alagoas onde se criam e vão buscar o mar; e por onde levam seu caminho muito dano fazem; e as aves como a vêm ir, são tantas sobre ela, que a picam, que é cousa que se não crera, porque a carne destas cobras é tão mole que se não pode mais dizer, e tanto que entram no mar todas se desfazem em água; e estas ralmente parecem, porque de dez em dez anos, e mais, se acontece ver uma destas; e isto é duro de crer a quem não tem a prática destas cousas como a nós temos;...".

(203). — Ver o estudo de Margarida Barradas de Carvalho, em preparação: **Natureza e Naturalismo no "Esmeraldo de situ orbis" de Duarte Pacheco Pereira**.

“Quibus in rebus quid possit aliud causae ad ferre
mortalium quispiam quam diffusae per omne naturae
subinde aliter atque aliter numen erumpens?” (204).

(Continua).

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História Ibérica da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(204). — Livro II, Capítulo XCV. Na tradução da ed. “Les Belles Lettres” (Texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu, Paris, 1950), lemos: “Or pour expliquer tout cela, quelle cause un mortel pourrait-il proposer, sinon le pouvoir divin de la nature, qui partout répandu fait sans cesse éruption sous des formes diverses?”.